

O primado do significante sobre o significado no sistema lacaniano

The primacy of significant over the meaning on the lancanian system

João de Deus Leite¹

Resumo: Com base na elaboração de Lacan, constante do Seminário *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, escrito em 1957, justificamos o presente texto pela possibilidade de abordar a questão do inconsciente pela via da homologia com os mecanismos de funcionamento da linguagem. Para tanto, tivemos como objetivos: analisar e apresentar (de posse de algumas exemplificações tecidas por nós) os possíveis aspectos sobre as leis e as funções do significante, tomando como referência o fenômeno da *metonímia* e da *metáfora*.

Palavras-chave: Significante, Significado, Letra e Inconsciente.

Abstract: Based on the essays *The Instance of the Letter in the Unconscious, or Reason Since Freud*, written in 1957 by the psychoanalytic theorist Jacques Lacan, here we discussed the unconscious issue by means of homology with the mechanisms of the language. There were two main goals: to analyze and to present (through some exemplifications) the possible aspects of the laws and functions of the significant by reference to the phenomenon of metonymy and metaphor.

Key-words: Significant, Meaning, Letter and Unconscious.

1 Aluno do Curso de doutorado no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - Curso de Mestrado e Doutorado em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia

INTRODUÇÃO

A rica reflexão freudiana sobre a manifestação do inconsciente e sobre o seu poder expressivo na vida psíquica do homem decorreu, em grande medida, dos modelos clínicos de análise que concediam um lugar proeminente aos mecanismos de funcionamento da linguagem, seja pela dimensão investigativa da compreensão do *sonho*, seja pela teoria do funcionamento dos *atos falhos*, seja pela via de análise da *associação livre*. Assim, embora não fizesse uso do termo *linguagem* pelo viés de uma formalização, no sentido de propor um corpo de definições, Freud demonstrou a profunda correspondência de formas e de domínios analíticos que a psicanálise partilhava com a ciência da linguagem.

Nesse sentido, a *interpretação do sonho*, a *noção dos atos falhos* e as *reflexões sobre a associação livre* desempenharam o relevante papel de permitir a formulação de que o inconsciente tem uma constituição de linguagem. Por isso, notamos que Lacan efetuou a transposição do domínio das postulações de Freud para o domínio da assertiva de que “é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (LACAN, 1998, p. 498). O que será relacionado e mantido, por ele, pela noção de que “o inconsciente tem estrutura de linguagem”, e que a prática clínica e as produções teórico-psicanalíticas conduzir-se-ão pelas reflexões baseadas na atenção dada ao sistema da linguagem. Daí a prioridade técnica, ponderada por Lacan, quanto à formação do psicanalista em uma visada orientada pelo referido sistema, uma vez que é do sistema que esse profissional recebe seu “instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de fundo de suas incertezas” (LACAN, 1998, p. 497).

Essa perspectiva lacaniana de conceber o trabalho analítico, de forma radicalizada, com os próprios princípios consubstanciados pela linguística, tomando como ponto de referência os estudos saussurianos que dizem respeito à linguagem, teve o mérito de operar, com um rigor de articulação, uma interface entre a psicanálise e a linguística.

Destacamos que esse empreendimento teórico-epistemológico permitiu a Lacan problematizar a complexa relação entre as referidas áreas, a partir de um percurso teórico de escrita que versou sobre os *pontos de contato* e os *pontos de afastamento* da psicanálise com a linguística, que consta do texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, escrito em 1957. Esse texto trata-se de um Seminário ministrado por Lacan em 9 de maio de 1957, no anfiteatro Descartes, na Sorbone, cujas análises recaíram sobre a fase estruturalista de Lacan.

Em tal texto, em consonância com Saussure (1916), Lacan mobilizou uma abordagem sobre a língua, focando-a em seu princípio de ordenação, que tem como constituição ser: relacional, opositivo e negativo. Portanto, notamos a importância da concepção de *sistema* nas contribuições teóricas de Saussure, uma vez que o princípio essencial da língua se prende ao fato de ela ser concebida como um *sistema de signos*, cuja descrição é feita por meio das *relações internas ao sistema*. Ainda para Saussure, *cada elemento* do sistema depende dos *outros elementos do conjunto*. Nessa ótica, podemos notar que a língua possui mecanismos de funcionamento de base que, por sua vez, possibilita o desenvolvimento dos processos de cada código linguístico. Com base nessa concepção de língua, Lacan apreendeu a noção de *cadeia significante*.

Dessa forma, percebemos que, especificamente nesta fase, a psicanálise não esteve isenta das “apropriações” teóricas da linguística; ao contrário, ela é condizente com a formatação epistêmica¹ cunhada pela linguística, sem, contudo, apagar a emergência radical de determinados pontos de afastamento, como, por exemplo, a questão central do primado do significante sobre o significado, cujas teorizações lidam com uma *torção* do algoritmo saussuriano. Assim, em vez de o algoritmo se basear em uma relação de primazia do significado sobre o significante, em Lacan, o modo de articulação entre essas categorias segue o caminho contrário.

¹ É pertinente ressaltar que toda trajetória epistemológica de filiação entre áreas de conhecimento é marcada por um deslocamento no tratamento dos conceitos, visto que os modos de entrada destes se dão de maneira diferenciada das regiões de origem da rede conceitual

Como o autor indica, é necessário conceber *O sentido da letra* – primeira seção do trabalho sobredito, em uma vertente na qual a letra é margeada como “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (LACAN, 1998, p. 498); depois, na segunda seção, é preciso estabelecer as inter-relações de *A letra no inconsciente* de modo a procurar entender o circuito de manifestação do inconsciente como letra “em sua textura, seus empregos e sua imanência na matéria em causa” (LACAN, 1998, p. 513) e, por fim, é patente, na terceira e última seção, intitulada *A letra, o ser e o outro*, perceber a postura lacaniana indicativa de que “o inconsciente é o discurso do Outro com maiúscula” (LACAN, 1998, p. 529) e que, portanto, o homem tem sua “trama” enredada (é dizer, “as amarras de seu ser”, Lacan, 1998, p. 531) pelos meandros do significante que, por sua vez, tem sua sede no inconsciente. O que marca a primazia do significante sobre o significado.

Como a proposta fomentadora desta enunciação se refere à tessitura dos fios que compõem a rede discursiva da “simbiose” entre *psicanálise* (a partir de releituras de Lacan tomadas de Freud e de Saussure) e *linguística* (desenvolvida por Ferdinand Saussure), a associação feita aqui dar-se-á pela via das influências da linguística (*cadeia significante*) para a psicanálise. Para isso, levar-se-á em conta o momento de elaboração de Lacan discursivizado no Seminário *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, cujo aporte saussuriano (1916) é bastante patente nas incursões de Lacan (1998). Sob esse viés, conforme a configuração teórica do seminário em questão, no que tange à abordagem do lugar preponderante do significante sobre o significado no sistema lacaniano, reportar-nos-emos ao aporte teórico de comentadores de Lacan (1998) e de Saussure (1916), quando pertinente.

CONTRIBUIÇÕES LACANIANAS PARA PENSAR O PRIMADO DO SIGNIFICANTE SOBRE O SIGNIFICADO

Na primeira seção do seminário mencionado anteriormente, Lacan aponta que a *linguagem*, bem ao contrário da perspectiva de entendimento do *trabalho*, não é vista como resultado da produção do homem. Portanto, o homem é tomado como *elemento constituído* (emergente) e como *elemento constitutivo* (subjacente), respectivamente, *na e pela* linguagem, pois concebê-lo como *elemento constituinte* (fundador) da linguagem é pensar em homens sem linguagem que, através do trabalho, determinariam as origens dela (o simbólico). O que, conforme Riolfi (1999, p. 37), há “daí uma implicação de que haja uma antecedência de uma ordem primeira natural – aquela na qual poder-se-ia pensar em homens sem linguagem – na qual algo, que tivesse como consequência o aparecimento da linguagem, teria havido”. Sendo assim, notamos que Lacan destaca que a questão de a linguagem ser fundada/constituída pelo homem não pode ser sustentada nem pela linguística nem pela psicanálise, visto que não há, para essas áreas, exterioridade e anterioridade à linguagem. Eis textualmente, em Saussure (1916), uma possível articulação teórica com o pensamento de Lacan (1998), corroborado por Riolfi (1999), a saber: “os indivíduos em larga medida, não têm consciência das leis da língua (...)” (SAUSSURE, 1916, p. 87), então, “para que a partida de xadrez se parecesse em tudo com a língua, seria mister imaginar um jogador inconsciente ou falta de inteligência” (SAUSSURE, 1916, p. 105), no sentido de que “o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado.

Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (SAUSSURE, 1916, p. 130). Por conseguinte, “a linguagem,

com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1998, p. 498).

Em seu elaborado viés saussuriano, Lacan examinou que o sistema da língua é marcado por princípios de ordenação (mecanismos) que necessariamente se referem à disposição relacional do vínculo de associação entre o significante e o significado; contudo, em Lacan, percebemos que o gesto de formalização do algoritmo postulado por Saussure, pelo fato de ser suscetível de sofrer uma *torção*, teve sua disposição espacial invertida. Tal operação engendrou a primazia do significante sobre o significado, de modo a estabelecer notoriedade quanto ao fato de a significação não poder ser totalmente “capturada”, sob nenhuma redução ao algoritmo, e que foi articulada, por Lacan, pela noção de “uma barreira resistente à significação” (LACAN, 1998, p. 500).

Para tentar detalhar a construção da moldura conceitual exposta por Lacan, visualizaremos o funcionamento dessa situação avaliada por ele nesta proposta de exemplo, cuja técnica de elaboração remonta às bases da topologia, a saber: consideremos uma folha de papel A4, por exemplo, com uma dobra exatamente ao meio, de modo que a folha fique tendo duas partes superpostas. Depois, com a ajuda de uma agulha de coser, faremos buracos em toda a superfície da folha, exceto na marca da dobra. Assim, notaremos que esses buracos transpassam as duas partes da folha, gerando, em cada parte, um buraco. Agora, o resultado dessa operação na superfície da dobra será o surgimento de apenas um buraco. De tal exemplo, é possível perceber que a diferença existente entre os *pontos de superfície* e os *pontos de dobra* não é imanente a eles (nenhuma propriedade de conteúdo intrínseco), mas se faz pela pura diferença posicional em relação aos outros pontos. Percebemos também que essa diferença possibilita o entendimento da singularidade dos *pontos de dobra*, pois eles, conferidos pelo ato de furar na dobra, se mostram como um buraco, enquanto os *pontos de superfície* se configuram como dois buracos. Sob essa luz, no bojo teórico de Lacan, compreendemos a operação e a demonstração do

modo radical de abordagem da perspectiva do significante tanto pela concepção de cadeia (“ligações próprias do significante”, Lacan, 1998, p. 500) quanto pela importância dessa cadeia na constituição do significado (“amplitude da função destas [ligações próprias do significante] na gênese do significado” Lacan, 1998, p. 500). Por isso, a importância de livrarmos “da ilusão de que o significante atende à função de representar o significado, ou melhor dizendo: de que o significante tem que responder por sua existência a título de uma significação qualquer” (LACAN, 1998, p. 501).

Levando em conta essa direcionalidade que Lacan atribui a sua “rota” teórica, percebemos possíveis apontamentos quanto à natureza do *alcance do significante*, sendo-o destacado com propriedade pelo referido autor por meio de alguns exemplos, entre os quais citamos a narração da experiência de duas crianças (um menino e uma menina) em uma estação de trem que, ao depararem com o letreiro das portas dos banheiros, cuja inscrição era *homens e mulheres*, tomaram tais espécies nominais como sendo o nome da cidade onde o trem havia parado. Como a disposição em que eles se encontravam era um em frente ao outro, o menino afirmou que o nome da cidade era *mulheres*, enquanto a menina, por sua vez, afirmou que era *homens*.

Esse caso é capaz de explicar o funcionamento do significante, em cadeia, mostrando “a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante” (LACAN, 1998, p. 506), o que não rompe com o essencial da teoria saussuriana – nem é esse, aliás, o propósito de Lacan – de que “as alterações jamais são feitas no bloco do sistema, e sim num ou outro de seus elementos, [...] sem dúvida, cada alteração tem sua repercussão no sistema” (SAUSSURE, 1916, p. 102).

Ainda para Lacan (1998), “é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação”¹ (LACAN, 1998, p. 506), já que “nenhum dos termos (...) tem valor por si mesmo ou remete a uma realidade substancial; cada um deles adquire o seu valor pelo fato de que se opõe ao outro” (BENVENISTE, 1989, p. 43).

1 Os grifos são do autor

Essas relações destacadas acima coadunam com a força argumentativa da concepção de Lacan concernente às especificidades dos diferentes movimentos que o significante realiza na cadeia, sendo-os reconhecidos diante dos fenômenos da *metonímia* e da *metáfora*. Notamos que a primeira forma de movimento do significante (a metonímia) está assentada na possibilidade de substituição dos elementos da cadeia significante, enquanto a segunda forma (a metáfora) está embasada no cotejo de dois significantes em que “um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia” (LACAN, 1998, p. 510). Para cada uma dessas formas de reconhecimento do movimento do significante, Lacan associou uma fórmula correspondente, donde *palavra em palavra* estaria para a metonímia e *uma palavra por outra* para a metáfora.

De modo totalmente imerso nessa perspectiva de abordagem dos mecanismos da linguagem, ao final da primeira seção, notamos que Lacan nos provoca com a ideia de que a dimensão do funcionamento do significante pode ser de relevante utilidade para o estudo do funcionamento dos mecanismos do inconsciente, uma vez que, se por um lado, o significante só pode “operar por estar presente no sujeito” (LACAN, 1998, p. 508) – operação de recalque –, por outro, a linguagem é condição do inconsciente. Nessa mesma vertente de concepção, Dor pondera que:

Inconsciente e linguagem tornam-se solidariamente articulados, de tal modo que, se o inconsciente é uma “diz-mansão” que se institui no terreno do significante recalçado, a linguagem não pode deixar de aparecer como a condição mesma do inconsciente. (Dor, 1996, p. 267)

Daí, portanto, não ignorar os *efeitos de verdade* que a instância da letra imprime no homem, conforme Freud empenhou em nos revelar.

Na segunda seção, de imediato, ao lado de uma apresentação breve da importância fundante da *Ciência dos Sonhos* (publicação da obra de Freud *A interpretação dos Sonhos*, em 1900), naquilo que ela aborda o sonho na condição de escrita do inconsciente a partir da configuração de um *rébus*, Lacan constrói seu argumento priorizando o *valor de significante* da imagem do sonho, no sentido de que esta não poderia ser tomada como valor de imagem pelo fato de tal procedimento instaurar um erro. Com efeito, percebemos que o *valor de significante* permite que o *valor da imagem* migre de seu *valor pictográfico* para se tornar “susceptível de significar outra coisa além daquilo que o código lhe atribui a título de um objeto” (ALLOUCH, 1995, p. 67). Allouch (1995, p. 67) acentua, ainda, que “a escrita hieroglífica também faz amplo uso do *rébus* de transferência, ‘desviando’, como diz a seu modo Champollion, os ideogramas de sua expressão comum para representar acidentalmente o ‘som’”.

Com relação ao desenvolvimento das ponderações que se referem aos *processos de ação do inconsciente*, notamos que Lacan reporta “à estrutura dos tropos do discurso, como a *metonímia* e a *metáfora*”¹ (DOR, 1996, p. 267) para identificar os mecanismos de funcionamento do inconsciente, como o *deslocamento* e a *condensação*. De certa forma, trata-se de um comentário detalhado sobre as leis do significante – arrolado na primeira seção – que procura apresentar os meios de encenação do inconsciente pela via da manifestação do sonho, tendo em vista que “o trabalho do sonho segue as leis do significante” (LACAN, 1998, p. 515). Eis, nas palavras de Lacan, os modos fundamentais de compreensão do funcionamento do inconsciente:

1 Os grifos foram referendados por nós.

A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtug*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta. A *Verschiebung* ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura. (LACAN, 1998, p. 515).

Nessa medida, é possível contemplar as postulações de Lacan sobre a densidade teórica da questão do *funcionamento do inconsciente*, no âmbito dos estudos da psicanálise, em uma dimensão que coincide com os princípios da escrita algébrica, pois, para ele, o *papel constitutivo do significante* não é tomado em si – percepção imediata – como garantia do acesso à “verdade” do *inconsciente*, sendo, portanto, necessário o intermédio da formalização significante. Para tanto, fazendo passar o próprio pensamento freudiano pelo fio condutor da psicanálise, para quem o *não-saber* é produção peculiar do inconsciente, Lacan vale-se daquilo que Freud sempre intuiu, para expressar, algebricamente, a simbolização da estrutura da metonímia e da metáfora, que na primeira seção do texto de Lacan teve seus mecanismos representados textualmente. Vejamos, na fundamentação teórica abaixo relacionada, a orientação de leitura, estabelecida por Lacan, quanto aos elementos das referidas fórmulas, tomando como ponto de partida o algoritmo transformado:

A estrutura metonímica, indicando que é a conexão do significante com o significado que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta [...] A estrutura metafórica, que indica que é na substituição do significante pelo significado que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão [...]. (LACAN, 1998, p. 519)

Nessa ótica, de posse do marco teórico de tais formalizações, compreendemos que Lacan dimensiona a *consistência da barra* na notação do processo significante, expressando a discrepância funcional que a barra imputa em cada fórmula. Na estrutura metonímica, há a *manutenção da barra* que “constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência da significação” (LACAN, 1998, p. 519), sendo-a definida pelo sinal de (-). Já, na estrutura metafórica, há a transposição da barra que fomenta “a emergência da significação” (LACAN, 1998, p. 519), sendo-a descrita pelo sinal (+).

Ainda como abordagem teórica, muito significativa e essencial nesta seção, é o enfoque da teoria da subjetividade de natureza psicanalítica, que abre possibilidade para pensar os efeitos que o inconsciente exerce na demarcação (é dizer, na singularidade) do sujeito. Assim, os traços de aceitação assumidos pelo termo identidade, no âmbito dos estudos filosóficos e dos estudos psicanalíticos, são articulados na discussão de Lacan, por meio da problematização da perspectiva “existencial do sujeito com sua transparência transcendental” (LACAN, 1998, p. 519).

É interessante aqui ressaltar que alguns anos depois Lacan, no Seminário *A identificação* (1961-1962)¹, pensaria o problema teórico da noção de *representação* para a filosofia. Contudo, já no texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957), levando em conta algumas indicações presentes no texto, entre as quais citamos esta sequência “[...] e se, em nome de ‘guerra é guerra’ e de ‘um vintém é um vintém’, decido-me a ser tão somente aquilo que sou, como desvincular-me, aqui, da evidência de que sou nesse ato mesmo?” (LACAN, 1998, p. 521), notamos a preocupação dele para com essa noção. Portanto, quando julgarmos pertinente, articularemos em nossa discussão apontamentos que se referem ao Seminário de 1961-1962, como demonstra, a seguir, o percurso de análise da fórmula “A é A”, bem como comentários de estudiosos que, de algum modo, admitem pressupostos que dizem respeito especificamente ao ponto teórico aqui tratado.

1 No Brasil, este Seminário foi traduzido, em 2003/2004, pelo Centro de Estudos Freudianos do Recife.

Lacan retomou a fórmula “A é A”, pela qual Heidegger diferenciou o *princípio da identidade do princípio da igualdade*, sendo que, a partir de tal fórmula, Heidegger estabeleceu que, para o esboço do primeiro princípio, era necessário apenas um elemento, enquanto, para o esboço do segundo princípio, seriam necessários dois elementos. Assim, Heidegger, em seu trabalho intitulado *O princípio da identidade*, ponderou a abordagem da identidade pelo caráter intrínseco de mesmidade: “todo A é ele mesmo o mesmo com ele mesmo” (HEIDEGGER, *apud* SOUZA, 1994, p. 3).

Em contrapartida, Lacan mostrou um contra-exemplo que pôs em xeque os limites do raciocínio de Heidegger, a partir da substituição do A da fórmula por “meu avô”, resultando daí a expressão “meu avô é meu avô”. Desse modo, a referida fórmula de Heidegger já não indicaria mais o princípio de identidade, pelo fato de o primeiro termo “meu avô” se referir ao indivíduo e o segundo termo “meu avô” se referir ao caráter de parentesco.

Heidegger, ainda no trabalho supramencionado, com base na seguinte formulação de Parmênides “o mesmo, com efeito, é tanto perceber (pensar), quanto ser”, substituiu em tal formulação *pensar* por *homem*. Souza (1994, p. 3) destacou que “Heidegger inverte a concepção da identidade enquanto propriedade do ser e passa a conceber identidade como pertinência mútua entre o homem (pensamento) e o ser”. Então, o princípio de identidade caracterizado por “A é A”, após a inversão postulada por Heidegger, cedeu lugar para a abordagem da identidade à luz da co-pertinência entre o homem (pensar) e o ser, e essa co-pertinência pode ser ilustrada nos termos da lógica, por meio de duas formas distintas de *o mesmo* se manifestar, a saber: se formulamos que o mesmo é X, como também é Y, resulta que X é igual a Y, já que são dois termos diferentes subordinados à igualdade pela expressão *o mesmo*.

Mas se é assim, X é o mesmo que Y, e, portanto, X que também é Y é, por transitividade da igualdade, o mesmo que X, donde X é X (ou Y é Y). Nesse caso, o princípio da igualdade também é princípio de identidade, no sentido Heideggeriano. Heidegger afirmou que

Interpretamos a mesmidade como comum-pertencer (co-pertinência). Facilmente se representa este comum-pertencer no sentido da identidade, pensada mais tarde e universalmente conhecida [...] o ser é determinado a partir de uma identidade, como traço dessa identidade [...] A mesmidade do pensar e ser, que fala na proposição de Parmênides, vem mais longe que a identidade metafísica, que emerge do ser e é determinada como traço dele. (HEIDEGGER 1973 *apud* KAHLMEYER-MERTENS, 2008, p. 19)

A noção de co-pertinência entre o pensamento e o ser, por meio da qual Heidegger definiu o princípio de identidade, tem um aspecto limitador, para Lacan, que é o de ratificar a ideia de que o significante, como, por exemplo, o A, seja capaz de fornecer ao sujeito uma unificação sintética numa identidade. Para isso, Lacan integrou em sua teoria da identificação simbólica, responsiva ao pensamento representativo, a referência à linguística saussureana, tomando como princípio a noção de significante “como sendo o que não são os outros significantes” (LACAN *apud* SOUZA, 1994, p. 5). Assim, o princípio de identidade formulado por Heidegger por meio de “A é A”, em que perpassa a ideia de que o significante pode significar-se a si mesmo, não pode ser sustentada.

No entanto, Lacan ressaltou que, no que se refere a um objeto que está ao alcance do campo perceptível de determinada pessoa, a mediação entre esse objeto (ser) e a imagem (pensar) dele é perfeitamente possível, isto é, há uma formação de imagem que garante o estabelecimento da identidade entre o ser e o pensar.

Se apresentarmos um *donuts* a alguém, e depois se o escondermos, então, esse alguém será capaz de reconhecer a imagem do *donuts*, ainda que não o veja. Se perguntarmos: a palavra *donuts* é o *donuts*?, a resposta certamente será algo como: *o donuts não é as letras d, o, n, u, t, s*. Isso pode exemplificar uma possível identidade imaginária de um *donuts*, bem como a diferenciação do objeto imaginário e o seu significante. Tal ilustração figura como exemplo de uma mediação em que ser e pensar produz uma identidade. Mas, se pedirmos a esse alguém que pense em número seis e se lhe apresentarmos o algarismo 6, ao ver esse símbolo, ele não poderia dizer que o número é o algarismo. Na verdade, o número seis não está em nenhuma parte do campo perceptível, como muito poderá ser reconhecido, quando seis objetos estiverem no imaginário desse alguém, e o que se tem não é o seis, senão o imaginário dos objetos, sendo que isso não é o seis. O verdadeiro seis é uma “ideia” que traz à tona ao consciente algo que pode ser visto no campo perceptível, pelo fato de o número ser um conceito abstrato e, em geral, ser identificado por um significante que reclama o plano do inconsciente para melhor perceber seu significado, que só é notado, em parte, dependendo das referências.

Um problema surge, de imediato, em relação à abordagem do princípio de mesmidade entre ser e pensar, quando o caso é saber *quem alguém é* – nas palavras de Lacan (1998, p. 520), de saber se “quando falo de mim, sou idêntico àquele de quem falo”, visto que a imagem desse alguém não pode traduzir o seu íntimo, e esta questão “só pode ser resolvida por uma identificação com o significante que, longe de produzir unidade, produz um sujeito \$, como efeito da cisão entre ser e significante (pensar)” (SOUZA, 1994, p. 5).

Souza recorreu aos estudos de Freire Costa para destacar, de forma discrepante deste, que, por mais que o *outro* possa usar significantes em seu caráter não-predicativo como os operadores de individualização para nos representar, o *nosso* íntimo (em que está ancorada a resposta à pergunta *quem*

sou eu?) supera a capacidade de o *outro* saber *quem somos nós* e de dizer, por meio de uma expressão verbal inequívoca, quem de fato *somos nós*. Nessa medida, compreendemos que Souza, coadunando a ideia de Lacan, enfatizou que os significantes não portam a tendência de abordagem das “dissemelhanças qualitativas percebidas na realidade” (SOUZA, 1994, p. 8), uma vez que a diferença exposta pelos significantes não se prende às questões de conteúdo e, sim, pelo caráter posicional em relação aos outros.

Sob essa luz, para entendermos a situação experimentada pelo ser humano, no bojo teórico de Souza, compreendemos que o significante abre a possibilidade para o ser humano “de não se restringir a apenas ser, mas de também saber-se ser” (SOUZA, 1994, p. 8), pois, assim como no caso dos pontos, cuja identificação se realiza com a possibilidade de furar e com o lugar de onde furar, o sujeito também se identifica nesses mesmos moldes pelo caráter serial dos furos e pela possibilidade de onde desejar os furos. E, dessa série do contável, sempre há um significante que desperta o interesse do sujeito, a ponto de este extrair o traço unário que representa, para ele, a perda do objeto edipiano. Em Andrés, entendemos que

A conceituação por Lacan do traço unário freudiano passa de uma identificação imaginária para uma identificação propriamente simbólica porque a relação da falta com o traço institui a própria lógica do significante, cujo papel é *marcar*, a cada uma de suas voltas, *uma diferença* [...] o traço unário, nessa medida, é uma ‘escansão em que se manifesta a presença no mundo’ [...]¹ (ANDRÉS, 1996, p. 562).

Desse ponto de vista, a extração do traço unário da série do contável fomenta a constituição do ideal do ego, que “demarca ‘inequivocamente’ não o sujeito, mas o lugar de onde o sujeito surge enquanto movimento de representação” (SOUZA, 1994, p. 11). Em suma, para Souza,

1 Grifado por nós.

É este o campo inaugurado pela identificação do sujeito com o significante, no qual todas as respostas que o sujeito vier a dar à questão “quem sou eu”? serão marcadas pelo caráter não-predicativo e serial do significante, o que faz com que uma resposta exija outra, que por sua vez exija outra, e assim por diante [...] (SOUZA, 1994, p. 9).

A articulação dos significantes em cadeia, por meio dos quais é possível cernir a especificidade do sujeito do desejo (a presença do não-idêntico e o registro da singularidade), resulta em um enigma para a “filosofia natural”, visto que “[...] o sujeito humano recebe sua determinação do simbólico; mais ainda, que o sujeito do desejo inconsciente, causado por um não-saber, se presentifica, pontualmente, numa estrutura de corte característica da linguagem” (LEITE, 2000, p. 44). Daí a pertinência do questionamento de Lacan, a partir da seguinte indagação: “o lugar que ocupo como sujeito do significante, em relação ao que ocupo como sujeito do significado, será ele concêntrico ou excêntrico? Eis a questão” (LACAN, 1998, p. 520). Mais adiante, ele parece responder taxativamente propondo que “o S e o s do algoritmo saussuriano não estão no mesmo plano, e o homem se enganaria ao se crer situado no eixo comum a ambos” (LACAN, 1998, p. 521). E aí entram não só os efeitos da articulação entre os significantes – inferir o lugar que o sujeito do desejo ocupa na metáfora, mas também o *resto* que sobra de tal articulação como pilares para o trabalho analítico. Com base nessas duas fontes principais de formulação sobre a questão do sujeito, Lacan reconhece que é na cadeia significante que o real insiste, possibilitando o deslocamento previsto pelo próprio sistema e, por sua vez, a inscrição do sujeito em uma verdade que decorre pela via do Outro, cuja operação é consolidada ou aludida pelo *crivo da transferência*.

Finalmente, na última seção, dando uma sequência lógica à anterior, Lacan fundamenta sua teoria em uma assertiva – “o inconsciente é o discurso do Outro com maiúscula” (LACAN, 1998, p. 529) – voltada para a busca do entendimento de que o Outro se torna lugar de significantes e de que

o Outro introduz na consciência do sujeito um descentramento. E, sob a ótica do desconhecimento da “excentricidade radical de si em si mesmo com que o homem é confrontado” (LACAN, 1998, p. 528), Lacan propõe um *gesto de leitura psicanalítico* que se baseia na ênfase da referência ao dizer e não no estabelecimento da referência ao ser, pois esta é tributária a uma ideia de unidade e de estabilidade. Eis a abordagem desse aspecto contemplada por Lacan: “é que ao tocar, por pouco que seja, na relação do homem com o significante, no caso, na conversão dos procedimentos da exegese, altera-se o curso de sua história, modificando as amarras de seu ser”.

Esses argumentos elencados por Lacan (1998), ao longo de todo o texto em questão, servem de contraponto para a abordagem do panorama traçado pelos postulados do conhecimento até então vigentes, isto é, da “situação do homem no ente” (LACAN, 1998, p. 532), uma vez que apostar em tal abordagem é admitir que o “âmago de nosso ser” (LACAN, 1998, p. 530) tornar-se-ia “objeto de um conhecimento”, como se fosse apanhado e aproveitado em um domínio comprometido fortemente com o conteúdo (percurso que sempre tende a ir para o significado). Logo, em Lacan, notamos que o significante se mostra como estruturante da dimensão da verdade do sujeito e, como o algoritmo nos possibilitou visualizar, o significado se torna subordinado a ele e “separado dele” (ARRIVÉ, 1999, p. 84), por meio dos efeitos de resistência que são exercidos pela barra que atravessa a disposição espacial entre significante e significado.

Em suma, pudemos perceber que a *instância da letra*, a qual não se capturaria sob nenhuma redução ao conceito, exige que se leve em conta a natureza e o funcionamento do significante seja em um trajeto de (re)lançar sempre para outro lugar (ação voltada para a ordem do *desejo* com uma ancoragem metonímica), seja em um percurso que contemple o *sentido* engendrado pela *centelha poética* (ação voltada para a manifestação do que surge no lugar daquilo que foi abolido – *sintoma* – com uma ancoragem metafórica).

A instância da letra no inconsciente ou a

razão desde Freud é um texto denso, minucioso, que recorre constantemente a numerosas contribuições do próprio Freud e de linguistas, tais como: Saussure e Benveniste. Para isso, Lacan registra e comenta – em longas e abundantes notas de rodapé – os apontamentos teóricos ponderados por esses pensadores, a fim de sustentar suas ideias. Disso resulta um texto erudito, que serve de horizonte para a prática psicanalítica de modo a propor a configuração densa e complexa da *instância da letra* no âmbito da psicanálise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto, optamos por desenvolver uma argumentação que explorasse as potencialidades do papel investigativo do axioma laciano, expresso pela afirmação de que “o inconsciente tem estrutura de linguagem”. Assim, foi possível (re)construir ativamente o estatuto que regulava a elaboração dos estudos relativos ao inconsciente desde Freud, dando notoriedade ao ponto de vista aqui adotado, isto é, à *questão da homologia entre os mecanismos de funcionamento da linguagem e do inconsciente*. Para tanto, coadunando o marco teórico proposto por Lacan, nos embasamos nas leis e nas funções do significante, a fim de estabelecer uma “apropriação” em que fosse possível abordar a articulação entre a linguagem e o inconsciente pela via da *metonímia* e da *metáfora*.

Cumpramos ressaltar que o recorte conceitual e operacional que ora optamos por apresentar neste texto nos possibilitou pensar em um desenvolvimento da noção do *primado do significante* sobre o significado no sistema laciano. Nesse sistema, os significantes só têm possibilidade de significar a partir da estruturação em cadeia, e, por sua vez, essa cadeia possui uma falta que lhe é constitutiva, o que nos remete, de imediato, à espessura da barra que atravessa a disposição espacial entre o significante e o significado. Portanto, é pertinente pensar que tanto a linguagem quanto o sujeito são marcados por uma opacidade; este pelo fato de *não saber tudo*

de si, cujas implicações se prendem ao inconsciente, enquanto aquela pelo fato de haver *uma língua que não deixa dizer tudo*, sendo essa concepção acirrada pela noção da espessura da barra, que estabelece o *efeito do retorno* daquilo que ficou como *resto* da cadeia de significantes.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean. *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

ANDRÈS, M. O outro. In: KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996, p. 562.

ANDRÈS, M. O Curso de Lingüística geral: uma releitura. In: **Linguagem e Psicanálise, Lingüística e Inconsciente** – Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARRIVÉ, Michel. *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BENVENISTE, E. Saussure após meio Século. In: **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 34-49.

DOR, J. Inconsciente. In: KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996, p. 267.

FRANÇA, Júnia Lessa. **Manual para normatização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.

FREIRE COSTA, Jurandir. **Psicanálise e contexto**

cultural, Rio de Janeiro, Campus, 1989.

HEIDEGGER, Martin. Le principe d'identité. *In*: SOUZA, Octávio. **Fantasia de Brasil: as identifi- cações na busca da identidade nacional**. São Paulo: Escuta, 1994.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **Sobre a identidade e a diferença em Heidegger**. Disponível em [http://www.consciencia.org/heidegger_identi- daderoberto.shtml](http://www.consciencia.org/heidegger_identidad roberto.shtml). Acessado no dia 13 de agosto de 2008.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsci- ente ou a razão desde de Freud. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A Identificação. Trad. Ivan Cor- rêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LEITE, N. V. A. Sobre a singularidade. *In*: **Cader- nos de Estudos Lingüísticos**. v. 38. Campinas: IEL, 2000. p. 39-50.

RIOLFI, Cláudia. A Transferência. *In*: **O discurso que sustenta a prática pedagógica: formação de professor de Língua Materna (Tese de Doutorado)**. UNICAMP, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüís- tica Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Octávio. **Fantasia de Brasil: as identifi- cações na busca da identidade nacional**. São Paulo: Escuta, 1994.